

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E SAÚDE
CURSO DE ENFERMAGEM**

VITÓRIA SOUZA VIEIRA

**VIVENCIANDO O PERÍODO GESTACIONAL E PUERPERAL NO ÂMBITO
UNIVERSITÁRIO NA PANDEMIA DA COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Goiânia
2022**

VITÓRIA SOUZA VIEIRA

**VIVENCIANDO O PERÍODO GESTACIONAL E PUERPERAL NO ÂMBITO
UNIVERSITÁRIO NA PANDEMIA DA COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso III como requisito obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Laidilce Teles Zatta e coorientação da Prof^a Dr^a Thaís de Arvelos Salgado.

Goiânia

2022

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 OBJETIVO.....	9
3 MÉTODO	10
4 RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	11
5 DISCUSSÃO	14
6 CONCLUSÃO.....	16
REFERÊNCIAS.....	17

RESUMO

A gravidez é um dos motivos que mais afastam as jovens brasileiras dos estudos. A vivência da maternidade, em conjunto com a carreira universitária, tem ganhado destaque na produção acadêmica, evidenciando desvantagens para as mulheres, quando estas vivenciam esses dois momentos concomitantes, uma vez que ainda recaem sobre o gênero feminino, em nossa cultura, as responsabilidades pelos cuidados parentais. Sendo assim, o objetivo deste estudo é relatar a experiência vivenciada por uma acadêmica de Enfermagem, desenvolvendo suas atividades acadêmicas no período gestacional e no puerpério/maternidade durante a Pandemia da COVID-19. Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência desenvolvido por uma acadêmica do curso de Enfermagem, acerca da vivência do período gestacional e puerpério/maternidade no contexto universitário, durante a Pandemia da COVID-19. Abordar essa temática em forma de relato de experiência permitiu-me conhecer mais sobre o processo de gestar durante a graduação com um agravante, a pandemia da COVID-19. Além disso, esses resultados obtidos por meio do relato da minha experiência poderão auxiliar atuais e futuras mulheres que estão gestantes, cursando graduação em Enfermagem ou outras áreas de atuação. No dia 18 de março de 2021 realizei o exame de Beta-HCG e tive acesso ao resultado no mesmo dia, sendo confirmado algo que eu já suspeitava. Eu estava grávida de oito semanas. Ainda sem acreditar, no dia seguinte já marquei um exame de ultrassom endovaginal, pois mesmo com o resultado positivo do Beta-HCG em mãos, ainda não acreditava. Quando vi o embrião no monitor, de primeira, fiquei assustada, pois tudo o que eu estava vivendo era novidade. Aquele era um momento pelo qual eu nunca havia passado. Veio um turbilhão de pensamentos, sentimentos e preocupações ao ter certeza de que eu seria mãe. Pensei nos meus pais, qual seria a reação deles (foi o que mais me preocupou), pensei na faculdade e se eu seria capaz de cuidar de um bebê. Demorei um tempo para poder contar para os meus pais e fui seguindo adiante, até o dia em que eu não me contive de tanta ansiedade e receio. Ao conversar com eles percebi que a reação negativa que eu temia foi contrária, eles me abraçaram e me acalentaram. Também ficaram assustados, mas jamais me desampararam. Logo, eu já teria que me preparar para o início do estágio na Unidade Básica de Saúde (UBS) em um momento pandêmico. Ao dar início, falei com a professora sobre estar grávida, devido a isso, não pude realizar a testagem de COVID-19, pois seria uma situação de risco. E assim foi seguindo o estágio; realizei outras atividades nas quais eu estava apta até eu cumprir com 75% de presença que o MEC exige da Universidade. Mesmo com as limitações devido à gestação, ocorreu tudo bem e dentro dos meus limites, dei o meu melhor em campo.

Descritores: Gravidez. Enfermagem. Obstetrícia.

1 INTRODUÇÃO

A gravidez é um dos motivos que mais afastam as jovens brasileiras dos estudos, conforme uma pesquisa de 2016, realizada em parceria com Ministério da Educação, a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) e a Faculdade Latino-Americana de Ciências (FLACSO) (ABRAMOVAY *et al.*, 2015).

A vivência da maternidade em conjunto com a carreira universitária tem ganhado destaque na produção acadêmica, evidenciando desvantagens para as mulheres quando estas vivenciam esses dois momentos concomitantes, uma vez que ainda recai sobre o gênero feminino, em nossa cultura, as responsabilidades pelos cuidados parentais (SAMPAIO, 2011).

A gestação é dividida em trimestres, tendo em média uma duração de 40 semanas. Cada trimestre tem suas próprias características e as suas fases de desenvolvimento. A gravidez representa o período em que há uma formação de um novo ser. Essa é uma condição para a sobrevivência da vida humana e povoação do mundo, tornando-se indispensável com relação à renovação geracional (GUIMARÃES *et al.*, 2018).

O período gestacional se inicia logo na concepção e se estende por cerca de 40 semanas, finalizando com o parto, período em que acontecem inúmeras alterações na vida da mulher/mãe, mudando o seu estilo de vida. A gravidez é um momento de extrema importância no sentido de renovações na vida da mulher e nos papéis que a mesma exerce (COUNCIL, 2012).

No entanto, durante a gestação ocorrem diversas mudanças biológicas, somáticas, psicológicas e sociais que mudam a dinâmica psíquica individual e as demais relações sociais da gestante, e a maneira como ela vive essas mudanças repercutem intensamente na constituição da maternidade e na relação mãe-bebê (PICCININI *et al.*, 2008).

Ainda nos dias de hoje vivemos em uma sociedade onde a desigualdade faz parte da rotina, seja do ponto de vista de classe, gênero, étnico racial e também geracional. No entanto, de modo geral, ainda prevalece a visão de família nuclear patriarcal em que o homem é considerado como o chefe da família e a esposa, por sua vez, deve se comportar segundo o papel estabelecido pelo modelo patriarcal de submissão (AGUIAR, 2000).

Com o desenvolvimento do capitalismo surgiram significados específicos à maternidade. Gradwohl, Osis e Makuch (2014) alegam que as mudanças trazidas pela industrialização separam a esfera pública da esfera privada da família, destinando aos pais a responsabilidade de cuidar de seus filhos. No âmbito da vida privada, a família nuclear tem o encargo de prover os meios para a garantia do sustento material dos seus membros e, essencialmente, transmitir valores que mantenham a cultura dominante, atribuindo aos pais a responsabilidade de cuidar de seus filhos, onde o cuidado seria função exclusiva da mãe e ao pai caberia a tarefa de trazer o sustento, tendo então essa diferenciação dos papéis entre homens e mulheres (ÁVILA, 2018).

Para Reis (2017) os indivíduos sempre estão em busca de um crescimento profissional, pessoal e social, tendo o primeiro passo através da inclusão na universidade. Isso, por diversas necessidades. Entretanto, as mulheres, por questões de disparidades de gênero, buscam pela independência e reconhecimento em todos os âmbitos sociais, principalmente dentro do contexto da universidade. Matos e Borelli (2012) destacam que a educação feminina é primordial para a soberania das mulheres. A universidade, por sua vez, tem papel poderoso e de extrema importância no percurso da busca pela ascensão pessoal e profissional da mulher, tornando-se um suporte para o alcance deste objetivo (RIBEIRO, 2016).

A experiência materna na vida de mulheres que buscam suas carreiras através de um contexto acadêmico traz uma série de dificuldades, especialmente, aquelas relacionadas ao preconceito de gênero e ao processo de conciliação entre maternidade e vida acadêmica, que já não ocorre entre os homens, que tendem a ascender mais rapidamente, quando “casados e com filhos” (MANSON; GOULDEN, 2002; AQUINO, 2006). A formação familiar de cada mulher que é mãe e estudante, para Ribeiro (2016), influencia de maneira direta na dificuldade que a mesma encontra em conciliar seus estudos com sua vida materna.

Segundo Urpia (2009), os estudos acerca do contexto da maternidade e a conciliação da vida acadêmica abordam desvantagens para as mulheres, uma vez que recaem sobre elas muitas responsabilidades. É interessante ressaltar e ponderar o entendimento de que existem diversas relações para as mulheres e mães, e é válido e necessário respeitar os mais diferentes formatos de cuidados maternos que existem, dentro dos mais variados campos de estudos (RIBEIRO, 2016).

Pesquisas recentes comprovam que as mulheres têm sido maioria em todos os níveis de ensino no Brasil, inclusive o superior. Dados do Censo da Educação Superior

de 2016 revelam que as mulheres representam 57,2% dos estudantes matriculados em cursos de graduação (PEREIRA; FAVERO, NALG, 2017). Porém, Sampaio (2008) destaca que o tempo de realização de estudos universitários pode coincidir com outros afazeres da vida, como mudanças nas relações familiares, afetivas e sexuais de uma parcela relevante da população.

Segundo dados da pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 8,81% das mulheres cursando o ensino superior, com idade entre 19 e 29 anos, têm filhos na faixa etária de 0 a 4 anos. Isso significa dizer, portanto, que quase 10% das mulheres universitárias brasileiras nessa faixa são mães de crianças pequenas e podem vir a demandar políticas públicas que lhes permitam permanecer no ambiente acadêmico e concluir suas graduações (REIS, 2017).

Conforme descrito acima, pode-se afirmar que a gestação é um período com diversas alterações fisiológicas, e esse público, durante as infecções causadas pelos vírus SARS-CoV, influenza H1N1 e MERS-CoV, ocorridas em 2020, 2009 e 2012, respectivamente, apresentou complicações diversas, como febre, tosse e dispneia (ALFARAJ; AL-TAWFIQ; MEMISH, 2019).

A COVID-19, doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, foi identificada pela primeira vez na China, em dezembro de 2019. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a epidemia da COVID-19 constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), e em 11 de março de 2020 foi declarada pandemia.

Com o surgimento do novo vírus da COVID-19, o Ministério da Saúde (MS), no Brasil, agiu imediatamente a partir das confirmações de que iríamos enfrentar uma pandemia. Em 22 de janeiro foi acionado o Centro de Operações de Emergência (COE) do Ministério da Saúde, coordenado pela Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS), para a organização e o planejamento das atividades envolvendo os atores envolvidos a fim de monitorar a situação epidemiológica. Houve a junção de vários órgãos do governo e várias ações foram implantadas, incluindo a construção de um plano de contingência. Em 3 de fevereiro de 2020, a infecção humana pelo novo vírus (COVID-19) foi declarada Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN).

Mediante o risco elevado de morbimortalidade, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou as gestantes como grupo de risco para COVID-19. Na maioria dos infectados, os sintomas apresentados são leves, a exemplo de febre e

tosse seca, porém, em mulheres na segunda metade da gestação, há outros sintomas que podem aparecer com menor intensidade, como fadiga, dispneia, diarreia, congestão nasal e coriza. Algumas mulheres podem apresentar ainda complicações mais graves, como a síndrome respiratória aguda grave (SARS) (ZAIGHAM; ANDERSON, 2020).

Diante desta situação, muitas mulheres têm o receio dos problemas que possam acontecer no decorrer do período gestacional e, na hora do parto, o risco de uma transmissão vertical do vírus. Sobretudo, os estudos ainda são inconclusivos: há aqueles que indicam a possibilidade do surgimento de sintomas semelhantes ao da mãe infectada no recém-nascido; e outros que citam a impossibilidade do rompimento da bolsa placentária (HOFFMANN *et al.*, 2020).

A pandemia da COVID-19 tem nas vacinas a esperança mais promissora e ansiosamente esperada. Uma vacina eficaz será crucial para controlar a pandemia (YANGM *et al.*, 2020). A garantia de imunidade nos permitirá menor preocupação com o distanciamento social e todas as suas grandes implicações socioeconômicas. A sequência genética do vírus divulgada precocemente em 11 de janeiro de 2020 desencadeou intensa atividade global de pesquisa para desenvolver uma vacina contra a doença (FREDERIKSEN *et al.*, 2020).

A gestação e o parto são situações ligadas à vivência reprodutiva de homens e mulheres. É um momento único entre a mulher e o parceiro que tem a experiência mais significativa. No entanto, o puerpério é determinado como um período de ciclo gravídico-puerperal em que as alterações ocasionadas pelas gestações e o parto no organismo da mulher voltam ao seu estado pré-gravídico, dando início após o parto com a expulsão da placenta e término imprevisto, e logo seguida, dando início ao processo de amamentação (STRAPASSON *et al.*, 2011).

O pós-parto pode ser definido por um turbilhão de sentimentos tais como: euforia e alívio; a experiência do parto e do nascimento do filho, ocasionando o aumento da autoconfiança; desconforto físico gerado pelo tipo de parto; medo de não conseguir amamentar, preocupação quando o leite demora a aparecer e ingurgitamento mamário; sentimento de decepção devido à aparência física; medo de não ser capaz, de não ser suficiente e não atender as necessidades do bebê (STRAPASSON *et al.*, 2011).

No entanto, o puerpério é um período considerado de risco devido às alterações psicológicas e biológicas, onde há uma necessidade de cuidados de Enfermagem

qualificados que tenha como base prevenção de complicações, conforto físico e emocional da mãe e educação em saúde. As condutas educativas devem ser permeadas pelo acolhimento, escuta e empatia a fim de acalmar a mãe influenciadas por expectativas sociais relacionadas à maternidade (STRAPASSON *et al.*, 2011).

O temática escolhida veio de encontro com o momento em que estou vivenciando, que é o processo gestacional durante a minha formação acadêmica no curso de Enfermagem, com a proposta de elucidar sobre os cuidados necessários durante o período gravídico, frente à pandemia da COVID-19, durante as práticas de estágio na Atenção Primária - Internato I e posteriormente, no âmbito hospitalar - Internato II, bem como a importância da amamentação enquanto universitária.

Até o presente momento, o tema tem me agregado conhecimentos sobre a situação, pois ao estudar mais sobre o assunto descobri os direitos de uma mãe enquanto universitária com relação ao seu bebê e amamentação. Também, sobre os cuidados da mãe para com o seu bebê na pandemia da COVID-19 e enquanto estudante universitária.

Sendo assim, delimitou-se a seguinte questão de pesquisa: *como tem sido a experiência de conciliar a vida universitária com a gestação e o puerpério/maternidade durante o curso de Enfermagem, durante a Pandemia da COVID-19?*

A relevância deste estudo se justifica, uma vez que aborda a experiência e a vivência de gestar e vivenciar o puerpério, o ser mãe, durante a graduação, e assim relatar as principais dificuldades e desafios enfrentados durante essas condições. Dessa forma, poderá contribuir para que a instituição e professores compreendam os fatores que contribuem para que essa vivência no âmbito acadêmico, e dessa forma possam contribuir mediante os desafios e oferecer mais suporte por meio do desenvolvimento de estratégias para que as gestantes e mães permaneçam na universidade até sua colação de grau. Além disso, poderão proporcionar informação a outras discentes que vivenciam a mesma situação durante a formação acadêmica.

2 OBJETIVO

- Relatar a experiência vivenciada por uma acadêmica de Enfermagem, desenvolvendo suas atividades acadêmicas no período gestacional e no puerpério/maternidade durante a Pandemia da COVID-19.

3 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, desenvolvido por uma acadêmica do curso de Enfermagem, acerca da vivência do período gestacional e puerpério/maternidade no contexto universitário, durante a Pandemia da COVID-19, desenvolvendo as atividades inerentes à formação profissional.

O relato foi realizado no período do segundo semestre do ano de 2021 ao primeiro semestre de 2022, os quais correspondem às vivências práticas na Atenção Primária à Saúde e desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA

No dia 18 de março de 2021 realizei o exame de Beta-HCG e tive acesso ao resultado no mesmo dia, sendo confirmado algo que eu já suspeitava. Eu estava grávida de oito semanas. Ainda sem acreditar, no dia seguinte já marquei um exame de ultrassom endovaginal, pois mesmo com o resultado positivo do Beta-HCG em mãos, ainda não acreditava. Quando vi o embrião no monitor, de primeira, me assustei, pois tudo o que eu estava vivendo era novidade. Aquele era um momento pelo qual eu nunca havia passado. Veio um turbilhão de pensamentos, sentimentos e preocupações ao ter certeza de que eu seria mãe. Pensei nos meus pais, qual seria a reação deles (foi o que mais me preocupou), pensei na faculdade e se eu seria capaz de cuidar de um bebê.

Demorei um tempo para poder contar para os meus pais. Fui seguindo adiante, até o dia em que eu não me contive de tanta ansiedade e receio. Ao conversar com eles percebi que a reação negativa a qual eu temia foi o contrário. Eles me abraçaram e me acalentaram. Ficaram assustados também, mas jamais me desampararam.

No entanto, após eles estarem cientes da minha gestação, veio a minha segunda preocupação: faculdade. Como eu iria fazer? Afinal, quando soube da gravidez estava concluindo o final do 8º Módulo do curso de Enfermagem. E no próximo semestre eu já estaria no estágio em Unidades Básica de Saúde (UBS). Além da necessidade curricular de estar em campo prático, junto aos pacientes que são assistidos pela Estratégia Saúde da Família (ESF), havia uma outra particularidade: a pandemia da COVID-19.

Logo chegou o momento em que iriam começar as aulas práticas em campo. No 1º dia conversei com a professora e falei sobre estar grávida. De primeira, ela falou que eu não deveria participar das realizações de testagem da COVID-19, pois era uma situação de risco. No entanto, fiquei responsável por fazer as coletas de material para colpocitologia (exame preventivo de colo do útero), triagem de pacientes, vacinação, curativos, consultas de crescimento e desenvolvimento (CD), consultas de pré-natal e realização de eletrocardiogramas.

Nos primeiros dias, tudo o que havia na unidade para ser feito, eu fiz. Dei o meu máximo, mesmo tendo limitação por conta da gestação. Mas, ao passar dos dias, a minha barriga foi crescendo e algumas atividades que eu fazia tranquilamente, já comecei a sentir desconforto por conta do tamanho e peso da barriga, além das dores

na região lombar. Então, ao final do estágio, eu comecei a ficar mais tempo no registro das vacinas.

Em meio a inúmeras tarefas a serem feitas na UBS, havia algo que me preocupava bastante, a COVID-19. Afinal, estava estagiando em meio a uma pandemia. E lá recebia pacientes com suspeita de contaminação pelo vírus da COVID-19 para realização do exame PCR. Mesmo não tendo contato direto, era um grande risco de contaminação, pois estávamos todos dentro da mesma unidade.

Por estar grávida, eu cumpri com os 75% de frequência que o MEC exige da Universidade para não ser reprovada, e me ausentei mais cedo que os demais. Graças a Deus, correu tudo bem, mesmo em meio a uma pandemia e às minhas limitações no final da gestação. Isso tudo ocorreu no final do ano e, em dezembro, o meu filho nasceu.

Sobretudo, após o nascimento do João Guilherme, as aulas retornaram 100% presenciais e com elas, a disciplina de Internato II. Mas devido ao meu filho ser muito pequeno e eu estar de licença maternidade, e por não ter com quem deixá-lo para comparecer às atividades, tive que abrir um processo acadêmico na Universidade para o trancamento dessa disciplina prática, adiando-o para o próximo semestre.

Quando eu decidi adiar o Internato II para o próximo semestre, foi devido à carga horária extensa da disciplina. Ficaria difícil para realizar as atividades em campo, enquanto eu amamentava e sem ter com quem deixar meu filho. Foi então que no semestre 2022/1 optei por dar continuidade apenas na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 3, para que depois finalizasse apenas o Internato II.

Em 2022/2, iniciarei a disciplina do Internato II. Estou ansiosa, pois será em campo hospitalar, bem diferente da UBS, com muitas atividades a serem feitas.

Após a finalização dessa disciplina, poderei concluir minha graduação em Enfermagem. A partir disso irei trilhar meus sonhos profissionais, como o desejo de ser aprovada em um concurso público e futuramente cursar uma pós-graduação, e assim estar sempre atualizada no mercado de trabalho para o meu crescimento profissional e ter uma evolução constante. Afinal, meu filho sentirá orgulho da minha trajetória acadêmica e profissional, pois todo meu esforço, dedicação e renúncia tem sido para proporcionar uma melhor qualidade de vida a ele.

Tenho estado ansiosa para a finalização do curso para poder ingressar no mercado de trabalho, colocar em prática tudo aquilo que aprendi e aprender cada dia mais. Estou ansiosa para o momento em que pegarei o meu diploma e, em seguida,

o COREN para poder mostrar para os meus pais que fui capaz, mesmo com as limitações devido à gestação, e agora estar cuidando do meu filho. Quero ser um motivo de orgulho e superação, não só para os meus pais que traçaram juntos comigo essa história, mas também para outras mães universitárias, para que elas possam ver que, mesmo com toda dificuldade, no final dá tudo certo.

5 DISCUSSÃO

Leite *et al.* (2014) relatam em seu estudo os sentimentos de culpa e arrependimento pela gravidez, assim como a preocupação com a chegada do bebê, vivenciado por gestantes, muitas não desejavam o filho que estava por vir pelo fato de já ter outra criança pequena, preocupando-se com a disponibilidade de tempo para os cuidados com as duas. No meu caso, a preocupação maior foi em decorrência de estar finalizando minha formação universitária. Aquele aperto no coração em deixar o meu filho tão pequeno para poder finalizar o curso, bem como aquela sensação de medo por ainda estarmos enfrentando a pandemia da COVID-19 e medo de contaminação pelo vírus, além do fato de não ter com quem deixá-lo durante a minha ausência. Inúmeras situações contribuíram para que eu tomasse a decisão de adiar a disciplina do Internato II.

Estudos apontam que grande parcela das mulheres que engravidaram enquanto acadêmicas ou que já são mães referem dificuldades quanto a conciliação das duas vidas: a de se preparar para as mudanças que ocorrem na gestação, sejam elas físicas, mentais e/ou sociais, ou ainda a de conviver com toda a mudança de rotina das que já são mães, com a vida acadêmica (AIKEN *et al.*, 2016; SOARES *et al.*, 2017).

No entanto, o apoio que a mulher necessita desde a descoberta da gestação até o momento da concepção e da criação do bebê é primordial para que ela se sinta acolhida e amparada. Toda ajuda nesse momento é bem-vinda, para que haja um momento de adaptação à nova vida imposta pela maternidade (LEITE *et al.*, 2014).

A exaustão e o estresse ocasionado pela correria do dia a dia com a conciliação de trabalho, faculdade e ser mãe demanda muito das mulheres e fazem com que elas se cobrem ao ponto de querer que tudo saia perfeito (MELO *et al.*, 2007; TOURINHO, 2006).

A culpa também se faz presente no quesito preconceito a si mesmas, quando relatam uma intervenção na ordem social, na qual estipula que as mulheres devem inicialmente cumprir as etapas, estudando, para depois pensarem em uma construção familiar com marido e filhos. Cabe às mulheres, nessa situação, a decisão do que é “certo ou errado”, pois ao longo da história da evolução feminina houve uma contribuição para a naturalização de muitos pensamentos socialmente que hoje fazem parte da subjetividade dessas mulheres (MENEZES *et al.*, 2012).

Vale ressaltar outro sentimento identificado como a impotência mediante as inúmeras cobranças de múltiplos papéis herdados ao longo do tempo pelas mulheres. Como sabemos, as mulheres se transformaram e evoluíram muito nas últimas décadas e isso influencia em seus papéis e posições na atual sociedade (MELO *et al.*, 2007; CARVALHO; ALMEIDA, 2003).

E, como consequência, houve sentimento de desmotivação para seguirem adiante em sua rotina de trabalho, graduação e principalmente como mães. Mas é evidente a importância do apoio familiar para a superação dessa fase passageira, que se resultará em um futuro próspero e muito orgulho a todos que acompanharam tal trajetória (MENEZES *et al.*, 2012).

6 CONCLUSÃO

Abordar esta temática em forma de relato de experiência permitiu-me conhecer mais sobre o processo de gestar durante a graduação e durante uma pandemia (COVID-19). Além disso, esses resultados obtidos por meio do relato da minha experiência poderão auxiliar atuais e futuras mulheres que estão gestantes, cursando graduação em Enfermagem, ou em outras áreas de atuação.

Estagiar gestante em meio à pandemia foi um desafio que deu certo e me agregou inúmeros conhecimentos e dificuldades que foram superadas e vencidas. Assim como eu consegui cumprir com cada etapa dada pela universidade, quero deixar como lição para que as outras mães e futuras mães vejam que não é impossível, apesar das dificuldades. No fim, dá certo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. Coord. **Juventudes na Escola. Sentidos e buscas**: por que frequentam? Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015. Disponível em: https://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf . Acesso em: 12 jan. 2021.
- AGUIAR, N. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e Estado**, v. 15, n. 2, p. 303-330, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/cRnvYmPTgc59jggw7kV5F4d/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2021.
- AIKEN, L. H.; *et al.* Nursing skill mix in European hospitals: cross-sectional study of the association with mortality, patient ratings, and quality of care. **BMJ Quality & Safety Online First**, p. 1-10, 2016. Disponível em: <https://qualitysafety.bmj.com/content/qhc/early/2016/11/03/bmjqs-2016-005567.full.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.
- ALFARAJ, S. H.; AL-TAWFIQ, J. A.; MEMISH, Z. A. Middle East Respiratory Syndrome Coronavirus (MERS-CoV) infection during pregnancy: Report of two cases & review of the literature. **Journal of Microbiology, Immunology and Infection**, v. 52, n. 3, p. 501-503, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S168411821830152X?via%3DiHub>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- AQUINO, E. M. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. In: **Anais eletrônicos do Encontro Nacional Pensando Gênero e Ciência Núcleos e Grupos de Pesquisa**, 2006, Brasília. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/br000014.pdf> Acesso em: 06 jun. 2021.
- ÁVILA, P. S. **A construção da maternidade no Instagram**: uma análise dos perfis "Mãe de sete" e "A maternidade". Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais, 2018. Disponível em: https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/1045/1/MONOGRAFIA_Constru%ca7%ca3oMaternidadeInstagram.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.
- BRASIL Ministério da Saúde. **Portaria MS/GM nº 188, de 3 de fevereiro de 2020**. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>. Acesso em: 24 ago. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública COE-COVID-19. **Plano de contingência nacional para infecção humana pelo novo coronavírus COVID-1**. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/13/plano-contingencia-coronavirus-COVID19.pdf> . Acesso em: 22 jan. 2021.
- CARVALHO, I. M. M. de; ALMEIDA, P. H. de. Família e proteção social. **Perspectiva**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 109-122, 2003.

COUNCIL, A. H. M. A. **Clinical Practice Guidelines: Antenatal Care - Module I**. Canberra: Australian Government Department of Health and Ageing. 2012. Disponível em: <https://www.health.gov.au/resources/pregnancy-care-guidelines>. Acesso em: 25 de ago. de 2021.

FREDERIKSEN, L. S. F.; *et al.* O longo caminho para a imunidade de rebanho COVID-19: tecnologias de plataforma de vacinas e estratégias de imunização em massa. **Frontiers in Immunology**, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fimmu.2020.01817/full> . Acesso em: 12 fev. 2021.

GRADVOHL, S. M. O.; OSIS, M. J. D.; MAKUCH, M. Y. Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade. **Pensando Famílias**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006 . Acesso em: 12 fev. 2021.

GUIMARÃES, W. S. G. *et al.* Acesso e qualidade da atenção pré-natal na Estratégia Saúde da Família: infraestrutura, cuidado e gestão. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 5, p. e00110417, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/9CMWjGgNGcLLYRjpCQQrymh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 fev. 2021.

HOFFMANN, M.; *et al.* **SARS-CoV-2 Cell Entry Depends on ACE2 and TMPRSS2 and Is Blocked by a Clinically Proven Protease Inhibitor**. *Cell*, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32142651/>. Acesso em: 28 set. 2021.

LEITE, M. G. *et al.* Sentimentos advindos da maternidade: revelações de um grupo de gestantes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 1, p. 115-124, mar. 2014.

MASON, L. L.; GOULDEN, M. Do Babies Matter? The Effect of Family Formation on the Lifelong Careers of Academic Men and Woman. **Academe**, v. 88, n. 6, p. 21-27, 2002. Disponível em: <https://gradweb01.cc.uga.edu/wp-content/uploads/2013/06/Mason2002.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2021.

MATOS, M. I.; BORELLI, A. Espaço feminino no mercado produtivo. Nova história das mulheres no Brasil. **Contexto**, São Paulo, p. 126-147, 2012. Disponível em: https://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/mirela_marin_morgante.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.

MELO, A. S. de O. Estado nutricional materno, ganho de peso gestacional e peso ao nascer. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, n. 2, p. 249-57, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/Bf6bsHPkVq6cBBDpvmKD38h/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 fev. 2021.

MENEZES, R. de S. Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 20, n. 21, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542012000200003 . Acesso em: 22 jan. 2021.

PEREIRA, A. C. F.; FAVERO, N. A. L. G. História da mulher no ensino superior e suas condições atuais de acesso e permanência. Anais do IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE / VI Seminário Internacional sobre profissionalização docente – SIPDE / Cátedra UNESCO. 2017. Disponível

em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26207_12709.pdf. Acesso em: 27 ago. 2021.

PICCININI, C. A. et al. Sentimentos e expectativas da gestante em relação ao seu bebê. **Revista Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 3, p. 223-232, dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ZCZnnYxjJh4ctVr8hv3Jr9G/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2021.

REIS, S. A. S. **Ser mãe na universidade**: uma análise da percepção de alunas gestantes e nutrizas acerca das políticas de assistência social de uma IFES. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais, 2017. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/590>. Acesso em: 25 ago. de 2021.

RIBEIRO, F.G. **Mães estudantes**: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Serviço Social, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/17382>. Acesso em: 26 ago. 2021.

SAMPAIO, S. M. R. (org.). **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011. 273p.

SAMPAIO, S. M. R. (org.). **Mães e Universitárias**: transitando para a Vida Adulta. Scielo Books, p.146-168, 2011. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/ispui/bitstream/prefix/1080/1/TCC_VivenciasMaternidadeGrada%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

SOARES, L. et al. Vivência de Mães na Conciliação Entre Aleitamento Materno e Estudos Universitários. **Artículo de Investimento**, v. 3, n. 35, p. 284-292 2017. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/aven/v35n3/0121-4500-aven-35-03-00284.pdf>. Acesso em: 08 set. 2021.

STRAPASSON, G. C. et al., 2011. Percepção de Sabor: uma revisão. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 12, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/27247/18151>. Acesso em: 12 jan. 2021.

TOURINHO, J. G. A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade. **IGT na Rede**, v. 3, n. 5, 2006.

URPIA, A. M. de O. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico**: narrativas de um self participante. 2009. 200p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2009.

YANG, H. et al. Clinical features and outcomes of pregnant women suspected of coronavirus disease 2019. **Journal of Infection**, v. 81, p. e40-4, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32294503/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ZAIGHAM, M.; ANDERSSON, O. Maternal and Perinatal Outcomes with Covid-19: a systematic review of 108 pregnancies. **Acta Obstetrica e Gynecologica Scandinavica**, [s. l.], n. 99, p. 823-829, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/zwPkqzqfcHbRqyZNxzfrg3g/?lang=pt> Acesso em: 23 ago. 2021.